

Mesa Redonda e Debate: O Currículo na EJA – tempos, espaços, saberes e sujeitos

Inês Barbosa de Oliveira/UERJ
Análise de Jesus da Silva/MG

Não adianta alguém pensar para o outro fazer, só ocorre a transformação quando a própria pessoa pensa, dialoga, quer fazer e sabe fazer (Oliveira¹, 2007).

Inês Barbosa iniciou abordando os **problemas cotidianos na educação de jovens e adultos** (EJA): evasão escolar (desinteresse); inadequação das práticas pedagógicas ao perfil dos estudantes: infantilização; currículos fragmentados, cientificistas e esfacelados; falta critérios de seleção e organização dos “conteúdos significativos”. Problemas que permanecem e resta-nos indagar: o que nos têm faltado, na reflexão e na ação? Considerando-se que: formação não falta, qualquer que seja o critério: o professor tem formação formal/inicial; há formação continuada participativa, coletiva; há dedicação e interesse; diálogo também “não falta”, então como resolver a questão??

Paulo Freire dizia que a coerência é o maior desafio do educador progressista. Já Boaventura S. Santos fala que nossa capacidade de crítica é superior à capacidade de ação. Ou seja, sabemos os problemas, e como resolvê-los, muitas vezes, mas não sabemos praticar o que pensamos.

Como ser mais coerente e aproximar nossa reflexão da ação?

O currículo em geral tem sido fragmentado assim como sua organização com cientificismo, tecnicismo e disciplinaridade; há dificuldade de diálogo entre as experiências vividas, os saberes anteriormente tecidos no cotidiano pelos educandos e os conteúdos escolares são impróprios, sobretudo, para o aluno trabalhador da EJA. Falta discussão diagnóstica e leitura teórica por parte dos educadores sobre: fragmentação curricular e conhecimento em rede; como superar questão da infantilização, da inadequação dos conteúdos trabalhados - a busca da significação dos conteúdos. Ver as escolas para além das normas e nesse sentido como pensar a potencialização do que tem sido bom? Os problemas citados se relacionam com a concepção dominante sobre como se cria o conhecimento: da imagem da “árvore do conhecimento” – que supõe linearidade, sucessão seqüência obrigatória de saberes – à noção de tessitura do conhecimento em rede, que pressupõe, ao contrário, que as informações às quais são submetidos os sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento para eles quando podem se enredar a outros fios já presentes nas redes de saberes de cada um. Conhecimentos que se tecem a partir de todas as experiências que vivemos, de todos os modos como nos inserimos no mundo ao redor, que não é previsível, nem obrigatório, que não podem ser controlados por processos formais de ensino/aprendizagem, não são cumulativos e nem adquiridos apenas pelo ensino (nem sempre o que se ensinou bem ou mal não foi apreendido, pois o aluno não atribuiu significado), significado que é tecido pelo próprio aprendente.

Pensando soluções

Centrar o trabalho pedagógico na utilidade concreta dos conhecimentos. A adesão dos alunos à necessidade de aprendizagem é contributo fundamental para que ela ocorra. Mas o que é

¹ Pensamento proferido por Inês Barbosa de Oliveira, na mesa redonda *O Currículo na EJA – tempos, espaços, saberes e sujeitos*, no IX Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA), em 21/09/2007, no município de Pinhão/PR.

útil? E o risco do aligeiramento e do utilitarismo. O que é o interesse dos alunos? Os conteúdos escolares precisam ser compreendidos em seu significado social para que sua aprendizagem seja potencializada. O que são conteúdos significativos? Úteis? Politicamente engajados? Potencialmente transforma-dores? Portadores de potencial de ampliação da auto-estima? Para pensarmos sobre estas questões é fundamental considerarmos:

- os significados e as culturas locais. Um ex.: Duas senhoras do regular noturno deixando a escola, conversam. Diz uma delas: “Eu agora já entendi. Problema é aquilo que a gente tenta resolver na escola e problema são as coisas que a gente tem que resolver na vida da gente. Entendeu?” – por isso é fundamental compreendermos que os problemas estão postos na vida cotidiana. Mas o que temos visto é que a lógica da escola e as propostas de trabalho que ela busca pôr em prática trazem embutidos valores, idéias e concepções de mundo bastante diferentes das do público que a frequenta. Isso cria dificuldade para o educando realizar o enredamento entre o que se diz e se propõe na escola com os saberes que traz de sua vivência: desanima, vai embora, ou até fica, mas... Apesar de todas essas dificuldades e en-traves, a vida real nas escolas não é só isso. Incorporam no seu cotidiano, pelo diálogo, as experiências, os saberes e as possibilidades dos sujeitos envolvidos na prática cotidiana do ensinar/aprender. Ou seja, apesar da estruturação desfavorável, muitos saberes e aprendizagens circulam por nossas escolas e pelos nossos alunos.

Currículo:

- Não é um produto construído seguindo modelos e normas do que deve ser o processo ensino-aprendizagem, mas é um processo por meio do qual os praticantes ressignificam suas experiências a partir das redes de poderes, saberes e fazeres das quais participam.
- É tessitura cotidiana, mas não des-vinculada das estruturas e circunstâncias. É fundamental superar o entendimento formalista e cientificista do currículo, buscando entendê-lo como produzido por múltiplos e singulares processos locais de tessitura e de criação curricular, requer o estudo e o interesse em fazer aparecer as alternativas curriculares efetivas tecidas cotidianamente pelos sujeitos das práticas pedagógicas e pensa-lo a partir da rede de saberes significativos.

Repensando algumas máximas da organização escolar: as condições concretas dos currículos praticados

É fundamental revermos as formas e critérios de agrupamento de alunos; as formas tradicionais de organização dos conteúdos; os métodos de ensino e a questão do diálogo: as redes de saberes tecidas entre o dito e o escutado; os procedimentos de avaliação: o que vale realmente?

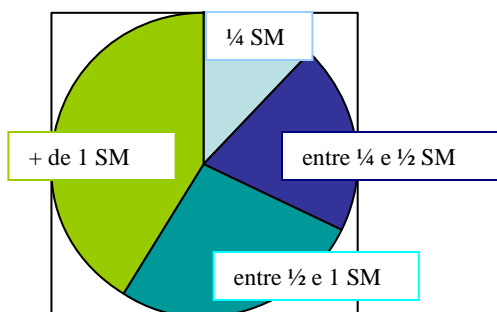
Muito já existe em nossas escolas que ajuda a ter uma visão otimista das possibilidades de enfrentamento dos problemas encontrados pelas escolas e professores, sobretudo aqueles que atuam na EJA. Não porque cremos em uma qualquer solução mágica, mas exatamente por sabermos que estas não existem e que a impossibilidade de pensar assim permite pensar e agir sobre a realidade cotidiana que vivenciamos: recriar a prática cotidiana valorizando as pequenas soluções, os fazeres, os saberes significados/significativos; transformando-a através de pequenas ações e mudanças, tecidas coletivamente com nossos pares; buscando tornar nossos fazeres e saberes mais apropriados aos nossos objetivos, considerandos nossas experiências e perseverando, sempre, com consciência das dificuldades, mas acreditando que há possibilidades de fazer sempre melhor.

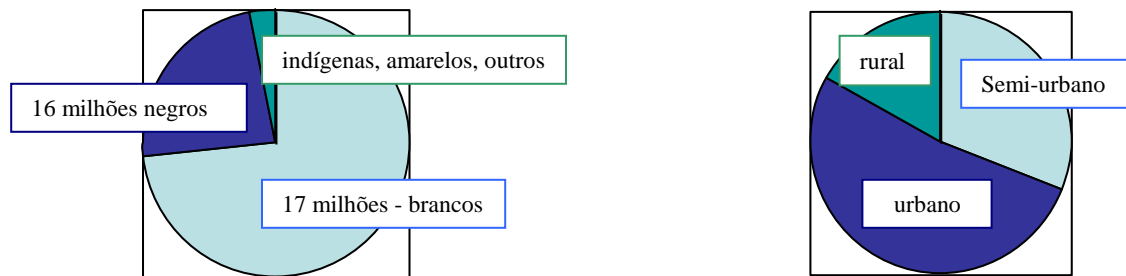
Análise abordou o tema **Pedagogia libertadora e juventude na EJA**. Segundo ela Paulo Freire nasceu em Recife em 1921 e faleceu em 1997. É considerado um dos grandes pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente. Embora suas idéias e práticas tenham sido objeto das mais diversas críticas, é inegável a sua grande contribuição em favor da educação popular. Suas primeiras experiências educacionais foram realizadas em 1962 em Angicos, no Rio Grande do Norte, onde 300 trabalhadores rurais se alfabetizaram em 45 dias. Participou ativamente do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife. Suas atividades foram interrompidas com o golpe militar de 1964, que determinou sua prisão. Exilou-se por 14 anos no Chile e posteriormente viveu como cidadão do mundo. Para Paulo Freire, vivemos em uma sociedade dividida em classes, sendo que os privilégios de uns, impedem que a maioria, usufrua dos bens produzidos e, coloca como um desses bens produzidos e necessários para concretizar o vocação humana de ser mais, a educação, da qual é excluída grande parte da população dos países pobres. Refere-se então a dois tipos de pedagogia: *a pedagogia dos dominantes*, onde a educação existe como *prática da dominação*, e *a pedagogia do oprimido*, que precisa ser realizada, na qual *a educação surgiria como prática da liberdade*.

Para Análise se pretendemos empreender uma educação para a liberdade do oprimido é fundamental entender os jovens e adultos que estão chegando à escola nos últimos tempos. A cada vez chega mais jovens na EJA. Juventude que está vulnerável aos impactos causados pelas desigualdades econômicas e sociais do país:

- O Brasil tem o maior contingente de jovens de sua história;
- Os cidadãos de 18 a 24 anos são especialmente vulneráveis;
- "A desigualdade se revela mais fortemente entre os jovens das famílias de menor renda, os menos escolarizados, os jovens negros e, em especial, as mulheres jovens. Num recorte etário, são os que têm entre 18 e 24 anos os mais desprotegidos por se encontrarem ainda à margem do sistema produtivo e sem políticas públicas que os ajudem a se integrar" (Carrano);
- Há maior participação dos jovens na definição dos rumos de suas vidas: o engajamento juvenil ocorre em causas do presente relacionadas com o corpo, a sexualidade, o simbólico e a solidariedade. "Ao falarmos em participação juvenil, não mais devemos ter em mente um bloco homogêneo portador de um projeto único de futuro e de ação coletiva. A juventude ainda pulsa, porém os fluxos e sentidos são múltiplos" (Carrano). A perspectiva do jovem hoje em relação à sociedade é para no máximo daqui um mês, a lógica do imediatismo, do agora: do ficou, ficou, acabou, acabou.

No Brasil existem cerca de 35 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, o equivalente a 20% da população País, com equilíbrio entre homens e mulheres (49% para homens e 51% para mulheres). Estes recebem em salário mínimo (SM);





Problemas que mais preocupam: violência e primeiro emprego.

A taxa de escolarização dos jovens de 15 a 17 anos aumentou cerca de 33% nos últimos dez anos, atingindo 82,4%, em 2006. A principal causa deste movimento é o aumento das exigências do mercado de trabalho, segundo o IBGE. Ainda assim é grande o número dos que não estão estudando (17,62%). O principal motivo para o abandono da escola nesta faixa etária é o surgimento de uma oportunidade de trabalho (para 25% dos rapazes) e a gravidez (para 25% das moças), segundo pesquisa desenvolvida pela Unesco.

Há 1,2 milhão (3,6%) de jovens analfabetos e destes, 70% vivem no Nordeste e 73% são negros. 71% dos jovens que não trabalham e não estudam têm renda per capita de até ¼ de salário mínimo são negros.

Jovens é o segmento mais vulnerável na nossa sociedade. Sofrem a pressão social: moratória social – abaixar a idade de 15 para 10 anos; moratória vital – jovem tem certeza que não pega AIDs, que não vai morrer... como segurar a moçada para entender que são frágeis. Precisava falar mais da ética, do que moralismo, para os jovens.

Pedagogia da Indignação aponta na 3ª carta – *A morte do Índio Pataxó* – que currículo é este que temos de trabalhar com a juventude. É no dia-a-dia que se forma um aluno, no cotidiano da vida, da escola. É fundamental com os jovens, ouvi-los e não fazer para eles. Eis um ex.:

Argélia: Pôxa vida! Eu fiz uma aula tão agradável. Preparei uma aula tão gostosa, e quando chego lá... todo mundo desanimado. Quer dizer, na verdade a aula que a gente acha que é gostosa, não é nada é... Falta este 'antes'. Faltou o antes! Então, se pudesse pegar o aluno antes de acontecer a aula e conversar com ele, assim: 'Não, vamos ver se você gosta disto.' Perguntar *para* ele antes, fazer junto com ele. Aí você levaria para a sala, porque passaria muitas coisas boas. Maurítânia: *Ele fala que preparou a aula com todo carinho e que a gente nem liga. Eu fico com pena, mas se ele perguntasse antes do que eu gosto, o que eu ainda não sei e o que eu já enchi de saber, ele não ficava puto e nem eu.*

Eis o que nos fica: **significado atribuído é aquilo que pode mobilizar, pôr em movimento o sujeito que lhe confere valor.** Olhar o educando com outro olhar que tenha significado. A aula diferente, inovadora, significativa é aquela construída junto, pelo diálogo; quando se trabalha a auto-estima; é importante ouvir que o jovem não é só um aluno, mas um jovem ou um adulto. É fundamental ter oportunidade de lazer e acesso à cultura. E a escola é um lugar que se pode permitir ver outros lugares, e um currículo e uma prática empreendida com jovens na EJA precisa olhar quem é ele...

Debate

No debate **Inês Barbosa** afirmou que o conteúdo não é a finalidade do conhecimento, conteúdo é meio para se chegar a algum lugar (objetivo). Não basta apenas ver que conteúdos se ligam ou não a ele.

Sugestão de livro de currículo: Territórios contestados – Tomás Tadeu

Análise leu a música *Não é sério* de Negra Li

“Nós Também Queremos Viver
Para vocês vida bela / Para nós favela
Para vocês carro do ano / Para nós resto de pano
Para vocês luxo / Para nós lixo
Para vocês escola / Para nós pedir esmola
Para vocês ir à lua / Para nós morar na rua
Para vocês coca-cola / Para nós cheirar cola
Para vocês avião / Para nós camburão
Para vocês academia / Para nós delegacia
Para vocês piscina / Para nós chacina
Para vocês apartamento / Para nós acampamento
Para vocês imobiliária / Para nós Reforma Agrária
Para vocês compaixão / Para nós organização
Para vocês tá bom, felicidade / Para nós... somente igualdade.
Nós também Amamos a Vida.”
Os Meninos de 4 Pinheiros, Fundação Educacional Meninos e Meninas
de Rua Profeta Elias - Curitiba

A escola de EJA tem que dialogar com estes entre si: jovens e adultos – veio buscar o que mesmo? Está a fim de quê? E nós, viemos trabalhar, fazer o quê?

Sugestão de filmes para trabalhar a questão da juventude:

- Para o dia nascer feliz (João Jardim);
- Retrato em preto e branco;
- Quanto vale ou é por quilo? (Pedro Bianco)
- Histórias de um Brasil Alfabetizado (última história)